

THE PRINCIPLE OF INERTIA

Law I: Every body perseveres in its state of rest, or of uniform motion in a right line, unless it is compelled to change that state by forces impressed thereon.

Isaac Newton, 1686

When a heavy vehicle moves at high speed in a straight line and suddenly faces an unexpected and abrupt change of direction on its way, the result is obvious: its inertia does not allow the timely amendment of the route and the vehicle violently clashes with the first hurdle.

The new ruins presented by Helder Sousa – and which now spread throughout our territory – grasp an unexpected and violent turn of the economic and financial context and the inability of our economic model to timely change its route.

The prevailing model of growth in recent decades was based on the production of non-tradable assets, with dominance of real estate and construction sectors, fueled by EU funds and bank credit (encouraged by the low interest rates and stability of the Euro, government subsidies and fiscal support). Housing was a significant slice of this system. It responded to the needs and desires of a population moving towards the major urban areas and socially moving upward. It established itself as a product with a major role in the financial system.

It was a model with an end foretold: by resource exhaustion and fall in demand.

In fact, we are apparently facing a saturation of the residential market. According to the 2011 Census data, Portugal has an average of 1.45 dwellings per family, of which 12.5% (738 846) are vacant. It is then understandable why, since 2000, we can see a slow but constant decreasing on the number of new resi-

dential developments. This decreasing was a trace of an ongoing mutation in the sector – also a mutation of the economic model itself – that everyone expected to be a slow and progressive one.

The international crisis – originated precisely in the real estate sector – brought the total stagnation of the market and violently precipitated this mutation. Developers, construction companies, and even the economic and financial system have shown themselves unable to produce any adequate or timely response.

Images of buildings in accelerated process of decay due to the lack of dwellers, suspended constructions turned into ruins, miles of infrastructures streets where buildings never came into existence and are now reconquered by untamed vegetation: these are the most visible traces of this mutation. They tell stories of processes based on large investments and extended periods that having reached the limits of their developers' capacity – having lost all hope – were abruptly interrupted.

Helder photographs are testimony of the turning point in which we find ourselves. They challenge us to find new ways to act – which cannot be of desertion, of simply leaving the wreckage of the past behind.

They challenge us to find a way to change the course. In time.

Nuno Travasso

O PRINCÍPIO DA INÉRCIA

“Lei I: Todo o corpo permanece no seu estado de repouso, ou de movimento uniforme rectilíneo, a não ser que seja forçado a mudar esse estado devido a forças nele aplicadas”.

Isaac Newton, 1686

Quando um veículo pesado avança a grande velocidade em linha recta e se depara, de repente, com uma inesperada e brusca mudança de direcção no seu caminho, o resultado é óbvio: a sua inércia não permite a atempada alteração da rota e o veículo embate violentamente contra o primeiro obstáculo.

As novas ruínas que Helder Sousa nos apresenta, e que hoje se espalham pelo nosso território, dão conta de uma inesperada e violenta viragem do contexto económico e financeiro e da incapacidade do nosso modelo económico alterar atempadamente a sua rota.

O modelo de crescimento vigente nas últimas décadas assentava na produção de bens não transaccionáveis com destaque para a fileira da construção e do imobiliário, alimentada por fundos comunitários e pelo crédito bancário (incentivado pela estabilidade e juros baixos do Euro, bonificações governamentais e apoios fiscais). A construção de habitação era uma fatia significativa deste sistema. Respondia às necessidades e anseios de uma população em movimento para as principais áreas urbanas e em ascensão social. Estabeleceu-se como produto com um papel fundamental em todo o sistema financeiro.

Era um modelo com fim anunciado: por exaustão de recursos e quebra na procura.

De facto, estamos, aparentemente, face a uma saturação do mercado residencial. De acordo com os dados do Censos 2011, Portugal possui uma média de 1,45 fogos por família, dos quais 12,5% (738

846) se encontram vagos. Compreende-se por isso que se verificasse já desde o ano 2000 uma diminuição, lenta mas contínua, da promoção de habitação nova. Algo que corresponderia a uma mutação do sector – e do próprio modelo económico – que se esperava lenta e progressiva.

A crise internacional – com origem precisamente no sector imobiliário – trouxe a total estagnação do mercado e precipitou violentamente esta mutação, sem que houvesse, da parte dos promotores, dos construtores, ou do próprio sistema económico e financeiro, qualquer capacidade para uma reacção adequada.

Imagens de edifícios em acelerado processo de degradação por nunca terem encontrado habitantes, construções suspensas tornadas ruínas, quilómetros de vias infra-estruturadas em loteamentos onde os edifícios nunca chegaram a existir e que são agora reconquistadas pela vegetação indomada: são as marcas mais visíveis desta mutação. Contam histórias de processos assentes em investimentos avultados e com prazos alargados que, atingindo o limite da capacidade dos seus promotores, exaurida a esperança, foram abruptamente interrompidos.

As fotografias do Helder são testemunho do momento de viragem em que nos encontramos. Interpelam-nos a procurar novas formas de actuar – que não podem ser de fuga, de abandono dos destroços do passado. Interpelam-nos a encontrar um modo de mudar o rumo. A tempo.

Nuno Travasso